

■ Chancela dos mercados: credibilidade e submissão

Ser bem visto pela banca internacional pode garantir pontos e credibilidade diante de um eleitor externo – como muitos cientistas políticos definem os “mercados”. Mas o mérito também significa ortodoxia em excesso e submissão às preferências da banca internacional.

José Luis Fiori, professor da UFRJ, recorre à chamada “teoria do purgatório” para explicar o comportamento econômico do PT, semelhante aos partidos de esquerda que chegaram ao poder na Europa. O purgatório

significa a necessidade de passar um tempo de joelhos para demonstrar que não vão mais jogar pedra em ninguém. Para Fiori, é uma teoria simplista. O mercado irá sempre exigir mais provas de confiabilidade.

O purgatório petista começou na campanha de 2002. Diante das ameaças do mercado financeiro, fuga de capitais e elevação do risco-país, todos os candidatos precisaram afirmar o compromisso com a continuidade de alguns dos pilares do modelo econômico e apoiar o

acordo com o FMI, fechado em agosto daquele ano. Lula, Ciro Gomes e Anthony Garotinho foram ao Planalto e posaram para fotos ao lado do presidente Fernando Henrique.

O objetivo era reduzir as “incertezas”. Líder nas pesquisas, o candidato do PT exacerbou o compromisso. Divulgou a chamada *Carta ao povo brasileiro*, que foi classificada como o mais importante símbolo da reviravolta programática na história do partido. A *Carta* fala em mudança, mas sem rupturas. Vaga mas simbólica, aplacou os mercados. Na última semana de campanha, com Lula prestes a vencer, a Bolsa de São Paulo voltava a crescer. (R.A.)